

GRAMPO RESENHAS #12

__novembro de 2016

Coisas, de Laura Liuzzi

[Rio de Janeiro: 7Letras, 2016]

AS COISAS NÃO PRECISAM DE VOCÊ

por *Julia de Souza*

O filósofo George Steiner, em uma entrevista concedida ao ótimo programa televisivo holandês “O belo e a consolação”, relata que, quando criança, seu tio lhe mostrou uma espécie de atlas, um *Guia ilustrado dos escudos da cidade e redondezas de Salzburgo*. Me lembro como se fosse hoje, diz Steiner, de um choque de maravilha e terror: se apenas a região de Salzburgo fora capaz de produzir aquela infinidade de brasões, pensou, então quantos brasões haverá na Europa?

Steiner foi dominado pela sensação esmagadora do múltiplo; pelo abismo de não poder conhecer, listar, catalogar ou dar conta de todas as coisas. *Admiração pelo detalhe do mundo*, diz Steiner. Ele continua: *Como alguém pode saber tudo? Como alguém pode fazer um inventário de tudo o que existe?*

No preâmbulo de *Coisas*, pequeno livro de poemas de Laura Liuzzi lançado recentemente pela 7Letras, o leitor é convidado a devotar um olhar carinhoso ao que há em volta. Drummond escreveu: “Penetra surdamente no reino das palavras”. O livro da Laura, por sua vez, elege o reino das coisas e deseja encará-lo com o frescor de quem se esquece e vê o mundo com olhos recentes. O verso “esque-

ça todas as palavras”, do poema “preâmbulo” (p.7), vai ao encontro do que diz Derrida sobre o poema: ele deve “comemorar a amnésia”, para talvez, depois, ensinar – as coisas – ao coração: esquecer se limita com aprender de cor.

“As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase”, escreveu também Drummond, em verso tão certo quanto melancólico. Laura toma esse verso com a alegria de um contrapé: olha de novo aquilo que parece já certo ou domado. Cria um pequeno inventário de umas poucas coisas de eleição. Toma o familiar com as mãos maravilhadas de um possível extraterrestre. É preciso dar um passo atrás para perceber em que medida as coisas vingam — “a cadeira só existe a partir da terceira dimensão” — como toleram o abandono — “o cabide é feito de ausência” — e onde se irmanam — “uma bacia, uma baía, um ensaio para a submersão”.

Em alguns momentos do livro, há uma tentativa de distinção entre as coisas e aquilo que não é propriamente uma coisa. O poema “fogueira” parte do impasse de uma terceira pessoa (ele? você?) indistinta que “não sabe bem se [a fogueira] é uma coisa/ porque é feita de mais de uma/ coisa e a principal delas não/

se pode tocar (...).” Esboça-se aí uma hipótese: o conceito de “coisa” pressupõe corporeidade e alguma limitação e unidade. A priori, uma coisa pode ser tocada. Mas o fogo, coisa fugidia, *requer zelo e exercício*, e desestabiliza a ideia de coisa como algo estático e de fácil domínio: “A chama é uma conquista”. Há aqui uma relação ambivalente entre sujeito e objeto: a quase-coisa fogueira só existe pelas mãos do homem, mas desafia constantemente (*selvagem e teimosa*) sua pretensa capacidade de controle. É preciso alimentar o fogo na mesma medida que o respeitamos, cientes de seu perigo.

No poema “corpo”, novamente a noção de coisa é posta à prova: “que coisa o corpo/ não é uma coisa/ o corpo são muitas/ coisas (...)”. Se há ali uma concepção fragmentária de corpo, o poema repisa a ideia de que uma coisa é algo mais afeito à concisão: não que para ser coisa deva-se ser pequeno ou compacto; mas há um senso de limite ou de tangibilidade em grande parte daquilo que o livro atesta como coisas: cabide, banheira, cadeira, travesseiro, bisturi. Já o corpo se abre como coisa multiforme — membros, órgãos, sangue, mente — e como matéria que conjuga imanência e transcendência, prazer e dor. O corpo é tomado como exemplo privilegiado de coisa que excede a coisa. Desde o preâmbulo, delinea-se um elogio do corpo – e, possivelmente, de uma escrita que se deixa levar por ele para transpor o mundo: “um corpo uma biografia/ um corpo uma travessia.”

*

George Steiner quis então organizar a multidão de coisas que o assolava e se lançou à exaustão das listas: capitais, oceanos, papas, flores. Derrotado – *se faltar algum, você perdeu a aposta* – voltou-se para outro mistério, que ele chamou de “a imensidão do particular”. Esse esforço (esse espanto) também está presente em *Coisas*. Os poemas de Laura Liuzzi

já não querem tudo abarcar, porém sabem que uma coisa é uma coisa mas é também sua projeção. Percorre todo o livro uma espécie farol aceso que procura de avistar não só os objetos, mas seus desdobramentos e ultrapassagens.

O preâmbulo já atenta para isso no verso “um corpo uma volta no espaço”. (Até onde um corpo se lança?) E o poema “corpo”, mencionado anteriormente, termina com um axioma que pode ser encarado como uma chave de leitura para todo o livro: “um corpo é muito mais que/ só um corpo”. Ainda que o poema trate do corpo humano ou animal, de seu organismo complexo e vivo, a afirmação esboça uma poética que considera as coisas, mesmo as mais simplórias, tendo em vista seus alcances afetivos e simbólicos. Assim, as coisas podem ter um limite no tempo ou no espaço, aquilo que chamei de concisão, mas também se multiplicam e se transfiguram de maneiras imprevistas. Como os faróis que tomam formas humanas (“estendem a mão com um/ braço de luz aos navegantes”) e cuja luz é mais que uma luz, mas um “suspiro/ de alívio ou de um adeus”; ou como a xícara, que adquire implicações distintas de acordo com as “condições/ atmosféricas/emocionais/formais”, sendo uma espécie de espelho da poeta (“uma xícara me expõe”).

O poema “espelho”, aliás, desmonta qualquer ilusão de que, ao forjarmos as coisas, colocamos limites no mundo, ou o domesticamos; de que as coisas terminam quando não nos servem de amparo. O espelho é descrito como aquilo que persiste infinitamente em sua atividade involuntária: “a nada se recusa/e se o ataca com/ flechas de luz, re/ bate na mesma/ medida, sem/ excesso ou exceção./ passivo e ativo.” Sua propriedade de repetir as coisas não depende de nós ou nosso reflexo. O espelho não tem escolha, mas tem vigília própria e o dom da multiplicação. “cinema infinito”, amplia a profundidade do mundo.

“os objetos também percebem”, escreve a Laura. É preciso, refleti-las com ternura. O poeta Leonardo Fróes disse, na última FLIP, que escreve para tornar-se gente. Talvez no caminho de tornar-se gente seja preciso admitir os olhos daqueles que temos como os mais surdos dos seres.

Coisas, ao invés de almejar a totalidade de um Aleph, como talvez tenha sonhado George Steiner, atenta para umas poucas coisas e sua relação transversal e particular, que vai além da posse, com um eu que está irremediavelmente rodeado por elas.

veja: botamos as coisas no mundo
e de repente as coisas se dão a mais
se multiplicam e existem apesar de nós e
as coisas nos tocam, espreitam, as coisas são capazes
de nos suportar.